

EM LIBERDADE: A REFIGURAÇÃO DE GRACILIANO RAMOS¹

EM LIBERDADE: GRACILIANO RAMOS'S REFIGURATION

Juliana Prestes de Oliveira*

UFSM

Resumo: Neste artigo, a análise tem como foco a elucidação de como se dá a refiguração do protagonista Graciliano Ramos, no romance *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*, e como isso serve para alimentar a sobrevivência dessa figura histórica da literatura. Realizou-se o estudo do narrador e do protagonista, e as suas figurações, no intuito de entender o formato humano do protagonista. Atentou-se para as perspectivas que aparecem e se relacionam na narrativa, interligadas às vozes dos narradores e das personagens, que contribuem para a construção e a problematização da identidade de Ramos. Pôde-se traçar quem é o “Gracilviano” e as suas maneiras de conviver com os outros e se posicionar diante do mundo.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. Refiguração. Sobrevivência. Personagem escritor.

Abstract: In this paper, the analysis focuses on the elucidation of how is the refiguration of the protagonist Graciliano Ramos, in the novel *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago* (At liberty: a fiction by Silviano Santiago), and how it serves to feed the survival of this historical literature figure. The study of the narrator and the protagonist, and their figurations, was carried out in order to understand the human format of the protagonist. Attention was paid to the perspectives that appear and are related in the narrative, interconnected to the voices of the narrators and the characters, which contribute to the construction and problematization of Ramos's identity. It was possible to trace who “Gracilviano” is and his ways of living with others and positioning himself before the world.

Keywords: Graciliano Ramos. Refiguration. Survival. Writer character.

O romance *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago* (1994), do escritor brasileiro Silviano Santiago, traz uma rede complexa de significações e perspectivas entrelaçadas por meio da intersecção de realidade e ficção, entre diário, biografia e construção literária. No início da narrativa, já há indicação de que parte da história de Graciliano Ramos será contada por meio do que o próprio escritor deixou relatado em seu diário, como está nas partes intituladas “Nota

*Doutoranda em Letras – Estudos Literários, pelo PPGLetras da UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2624-0702>. E-mail: <jprestesdeoliveira@gmail.com>.

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. É oriundo de um dos capítulos da dissertação de Mestrado da autora, defendida e aprovada em 2016, no PPGLetras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob orientação da Profa. Dra. Raquel Trentin Oliveira. O título da dissertação é *A sobrevivência de Graciliano Ramos e Ricardo Reis nas ficções de Silviano Santiago e José Saramago*, é está disponível na biblioteca da UFSM. O trabalho também foi apresentado como comunicação oral em um evento da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 2018.

do editor” e “Sobre esta edição”. Contudo, ao mesmo tempo, a epígrafe que abre a obra, “Vou construir o meu Graciliano Ramos” (SANTIAGO, 1994, p. 7), e o subtítulo do livro revelam que se trata da ficcionalização de alguém conhecido, encenando-se a escrita de Ramos e a narração de uma de suas fases menos conhecida. De acordo com Miranda (2009):

Silviano Santiago, ao apropriar-se da obra de Graciliano Ramos empregando, para a realização textual de *Em Liberdade*, o recurso do *pastiche* – agora no sentido de repetição diferenciada recriadora de uma obra e uma “forma” anteriores e não no sentido de cópia servil de ambas – concorre para reforçar ainda mais as indagações colocadas pelo texto primeiro. (MIRANDA, 2009, p. 41, grifos do autor).

Ao transformar um escritor em personagem, Santiago criou uma nova pessoa ficcional, por mais que tenha mantido certas particularidades do original. Essa figuração depende da leitura realizada por Santiago e está aberta para novas reconfigurações. É nesse sentido que podemos usar o que Carlos Reis define como *sobrevida*.

[...] o que fica das personagens quando encerramos a leitura da narrativa? E qual o modo ou modos de ser desse *resto* que conservamos? Têm as personagens vida para além dos limites (limites artificiais e porosos, é certo) do universo ficcional? Podemos falar a esse respeito de uma *sobrevida* das personagens? E se for o caso, em que medida essa *sobrevida* vai além dos atos interpretativos de uma leitura convencional que *concretiza* o texto? [...] até que ponto outros meios [...] que não o texto verbal escrito, contribuem para tal *sobrevida*? [...]. Que processos de figuração e de refiguração intervêm na constituição de uma personagem e, derivadamente, na afirmação da sua *sobrevida*? (REIS, 2014, p. 47, grifos do autor).

Esse questionamento leva-nos a pensar no que morre e no que sobrevive dessa personagem, na leitura feita de sua trajetória biográfica. A comparação entre o “velho” e o “novo” desafia a curiosidade do leitor e do próprio autor, uma vez que de ambos é exigida uma leitura dinâmica e aberta para múltiplas perspectivas. A partir disso, verificamos a ideia de as personagens como construtos abstratos de papel e a preocupação apenas com o discurso e a narração, deixando o personagem de fora de sua análise, ambos de Genette (1995). Podemos afirmar que tais pensamentos são, em última instância, restritivos da complexidade do texto e das pessoas ficcionalizadas.

Figuração, de acordo com Carlos Reis (2014, p. 52), “[...] designa um processo ou conjunto de processos constitutivos de entidades ficcionais, de natureza e de feição antropomórfica, conduzindo à individualização de personagens em universos específicos, com os quais personagens interagem”. Graciliano Ramos “[...] ganha, em relação à figuração original, uma vida própria, que a fenomenologia da leitura contempla, no quadro da vida da obra literária” (REIS, 2014, p. 57). Desse modo, “[...] a personagem prevalece sobre a ficção e vive uma vida para além dela, ou seja, uma *sobrevida*” (REIS, 2014, p. 58).

Escritor do diário, Graciliano é narrador e protagonista da própria história, então apresenta-se como homo e autodiegético, conforme a categorização de Genette (1995). Por meio da sua focalização interna, entendemos o modo como Ramos percebe o mundo e a si mesmo, antes e depois da prisão, seu passado e a atualidade dos fatos vividos, próximos ou (quase) simultâneos à escrita do diário. Sua perspectiva é moldada a partir da convivência com o outro e a imagem

que este criam dele. Ao analisarmos essas diferentes perspectivas, conseguimos traçar como o personagem se constrói a partir de suas reflexões acerca de si mesmo e da situação do país, e da relação com as demais pessoas.

Na obra de Silvano Santiago,

[...] escrita e leitura são atos simultâneos e coincidentes. A menção reiterada do texto a outros textos através dos recursos apropriativos da citação concorre para o esfacelamento da exclusividade de um centro gerador de discurso, ou melhor, da noção de individualidade autoral. Contudo, tal individualidade parece afirmar-se na medida em que a leitura do texto alheio é acrescida da autoleitura, nos textos funcionam como pré ou posfácios às obras do autor e nos quais ele próprio tece comentários e reflexões sobre elas. Essa contradição revela-se aparente quando se percebe que tais intervenções críticas não têm o caráter de tutela ou orientação normativa, cerceadoras da circulação independente ao texto. Pelo contrário, funcionam como suplemento irônico que aguça a atenção do leitor para a ambiguidade e a complexidade da prática escritural, cujo fundamento reside no confronto entre verdade e ilusão, vida e obra, sujeito e discurso. (MIRANDA, 2009, p. 59).

À medida que Graciliano Ramos conta o que sente(iu), vive(eu) e vê(iu), projeta uma imagem mais próxima ou mais afastada do Ramos histórico. Além disso, é possível analisar as intromissões de outro narrador, o “editor”, na elaboração desse personagem. Assim, deparamo-nos com um Graciliano Ramos que vai além do que conhecíamos dele, ocorrendo uma refiguração do personagem provinda de uma releitura.

No início do que seriam as “palavras”, “a escrita” de Graciliano Ramos, encontramos, no centro da página, a epígrafe seguida de uma nota de rodapé: “Não sou um rato. Não quero ser um rato* [...]”. No centro da primeira folha dos originais, em tinta vermelha, estão escritas estas duas frases de *Angústia*. Foram lançadas no papel [...] Deveriam servir de epígrafe para todo o Diário. (N. do E.)” (SANTIAGO, 1994, p. 18, grifo do autor). Apesar de serem palavras que Graciliano Ramos realmente escreveu e que descrevem o modo como ele se sente após sair da prisão, o “segundo” narrador interfere na imagem a que o leitor terá acesso desse novo Ramos. Ao colocar essa frase como epígrafe, o “editor” contribui para envolver o leitor no sentido de convencê-lo de que tal obra se compõe de manuscritos verdadeiros. Tal frase, na abertura do romance, pode indicar as dificuldades que Ramos terá, no decorrer da história, para compreender a sua própria identidade, quem era antes e durante a prisão, quem é agora, pós prisão, em uma cidade desconhecida, e a imagem projetada pelos outros.

Graciliano Ramos revela-se alguém com certo receio de olhar para si mesmo, como um bicho que acaba de ser solto na floresta, após muito tempo no cativeiro, amedrontado e desconfiado de tudo o que o cerca. É o ato da escrita que permite a ele, aos poucos, retomar o sentido de sua existência: “Não sinto o meu corpo. Não quero senti-lo por enquanto. Só permito a mim existir, hoje, enquanto consistência de palavras. [...]. Ainda não tive a coragem de ver o corpo de onde saem essas frases” (SANTIAGO, 1994, p. 21). O fato de o narrador revelar que não sente seu corpo e que só se permite existir como resultado de um emaranhado de palavras, pode ser um indicativo de que a voz do “segundo” narrador também está presente, e esta reforça a ideia da sobrevida de Graciliano Ramos, da sua construção por meio do papel. O comentário indica o impacto da prisão e o estranhamento angustiado da personagem em relação ao que

acontece consigo e ao seu redor. Apesar de ser um diário e este, aparentemente, carregar certa autoridade e confiança implicada ao gênero, o próprio Graciliano coloca-se em dúvida, como se houvesse uma ruptura entre o eu e as palavras que o compõe, ou melhor, como se a essência do eu estivesse em suspenso e fosse necessário recomeçar a compô-la.

A relação da existência com o texto e com as diferentes leituras que se fazem dele fica mais evidente nesta passagem:

Estou prenhe de frases como nunca estive. Todo meu cérebro está funcionando como um imenso útero que fabrica, sem que tenha consciência, frases e mais frases. Quero acreditar que posso escrever como nunca escrevi. Sei que não posso. A produção das frases está aqui, na cabeça, e difícil é passá-las para o papel. O problema não está tanto na dificuldade em transcrevê-las. Basta fechar os olhos e entregar-se ao automatismo surrealista da escrita. Encontrar uma razão para a necessidade de deixá-las existir no papel e no livro: eis a questão. Fora de mim e para o outro. Para isso sempre foi preciso “fazer ficção” das minhas palavras. Ou não. Abandonar a ficção e adentrar-me pelo diário íntimo, deixando que o livro não seja construído pelo argumento ou pela psicologia dos personagens, mas pelos próprios caminhos imprevisíveis de uma vida vivida. Na ficção, o livro é organizado pelo romancista. No diário, toda e qualquer organização pode ser delegada pelo leitor. Ele que se vire se quiser fazer sentido com as frases ou com o enredo. Invejo esse escritor de botas setes léguas que é José Lins. (SANTIAGO, 1994, p. 22, grifo do autor).

Em primeiro plano, o narrador revela seus anseios em relação ao ato de escrever. Também mostra o motivo que o leva a escrever e o modo como vê a si mesmo e a sua identidade, bem como as diferenças existentes entre a ficção e o diário e qual, no momento, melhor lhe serve. Subjacente a isso, é possível pensarmos na figuração do protagonista em *liberdade* como dependente da projeção de um emaranhado de frases e do envolvimento do leitor com a escritura, no sentido de compor uma trama que conecte realidade e ficção, romance e diário: “O autor se realiza e realiza o seu ponto de vista não só no narrador [...], mas também no objeto da narração. [...]. Por trás do relato do narrador nós lemos um segundo, o relato do autor sobre o que narra o narrador [...], sobre o próprio narrador” (BAKHTIN, 2010, p. 118).

No decorrer do primeiro capítulo do livro, lemos as marcas presentes no corpo que não deixam o protagonista esquecer o que passou na prisão. Assim como em outros escritos de Ramos, há o “[...] sentimento de humilhação e de machucamento” (CANDIDO, 1999, p. 51). Nos poucos momentos que consegue esvaziar sua mente dessas sensações, as pessoas que o visitam parecem fazer questão de lembrá-lo das suas cicatrizes, da sua aparência decadente, fraca e da sua perna coxa. A escrita terá, assim, um efeito terapêutico, no sentido de enfrentamento das feridas e de diminuição do efeito dolorido delas. O protagonista modificar-se-á até o fim da narrativa, na tentativa de entender-se e escapar de sua condição de ex-presidiário digno de pena. Tal transformação dá-se no diálogo entre o seu olhar sobre si, dos outros sobre si e daquilo que vivencia, sendo crítico consigo e com o que vê.

Ao relembrar alguns acontecimentos que marcaram sua vida, Ramos sente o peso que as adversidades têm sobre o seu modo de agir e de pensar. Por meio do relato das intempéries da sua (nova) vida, conhecemos um Graciliano desconfiado, perdido, mas ainda engajado:

A adversidade faz-me muitos. De repente, deixo de existir como indivíduo solitário que sou, e passo a fazer parte de um contingente humano numeroso. E o que exprimo, pela adversidade, sei que é compreensível – ainda que pouco apreciado – por todo o contingente de leitores. Perco a minha identidade, todos perdem a sua identidade, enquanto sonho humano como uma humanidade homogênea e sem diferenças. Convivo com a adversidade como convivo com o meu corpo. Machucado, pisado. Dolorido. É ela que explica estas marcas que me castigam e amargam de fel a minha existência. Começar a compreender essa corrente humana que mais sentido me dá, mais eu sofro para poder romper os grilhões. (SANTIAGO, 1994, p. 26-27).

Ao tomar consciência de sua posição de marginalizado, Graciliano entende que mais pessoas estão na mesma situação, que foram massacradas e sofreram com a ditadura do Governo Vargas. Sente perder sua identidade particular e dissolver-se na massa humana que teve sua vida destruída e é obrigada a conviver com as marcas deixadas, tanto em seus corpos como em suas almas. Analisar os outros como a si mesmo é preciso para remontar sua identidade, bem como se libertar daquilo que o tortura e que não o deixa seguir em frente. Ao refletir sobre isso, o narrador protagonista percebe que, antes de qualquer coisa, é necessário encarar-se, enfrentar a própria imagem e o próprio passado, ao mesmo tempo que constata a dificuldade. Para isso, ele precisa: “Soltar o corpo, rejeitar a adversidade. Buscar minha identidade em mim, [...]. Terei coragem de levantar-me dessa escrivadinha, [...] buscar o espelho e enfrentar a minha imagem refletida, para poder esquecer o passado impresso no corpo e prepará-lo para o futuro?” (SANTIAGO, 1994, p. 27). O ato de não conseguir levantar revela a sua fragilidade, diferentemente da imagem consagrada daquele Ramos histórico que foi prefeito e crítico ao governo. A maneira descoberta para ficar mais próximo da libertação almejada é a de colocar no papel o que transcorre no seu íntimo. Ao escrever, então, questiona-se, reflete, critica, traz à tona partes da história a que poucos tiveram acesso: “A liberdade circunstancial que experimento desde ontem é muito menos importante que a liberdade que descubro escrevendo estas páginas. Não *estou* preso, é claro; mais importante: não *sou* preso” (SANTIAGO, 1994, p. 31, grifos do autor).

Graciliano ainda permanece voltado para si e sua situação, ao ponto de ficar alheio ao ambiente por onde passeia e as pessoas que encontra. O estado de compenetração sofre um pequeno rompimento quando seu corpo entra em contato com a brisa e o cheiro do mar, agindo como uma espécie de combustível que o enche de força e o faz caminhar mais depressa, sem o suporte de Heloísa. Ela, no entanto, logo detém-no “[...] ‘Paciência Gráci’ disse, ‘você esperou tanto tempo...’” (SANTIAGO, 1994, p. 35, grifos do autor). Na perspectiva dela, o marido ainda não estava pronto para desfrutar de sua liberdade, e essa atitude, por mais que esteja repleta de cuidado, relembra-o de seu estado de fraqueza, de dependência, e dos acontecimentos da prisão. O momento de tranquilidade e ar puro é, assim, substituído pelas sombras do cárcere, reforçadas pela imagem das grades de um portão que atrai a atenção de Graciliano, puxando-o de volta à lástima de sua situação, de homem forte e sólido para alguém fraco e sem atitude.

Aliado à vontade de libertação da angústia, do medo e da situação precária, há outro desejo: “É da morte que quero afastar-me, a tal ponto de não poder reconhecer mais os seus traços fisionômicos, o seu cheiro de miasmas e podridão” (SANTIAGO, 1994, p. 39). Tal desejo, disperso em várias partes do romance, acentua a ideia de que a escrita funciona como uma

tentativa de manifestar e, ao mesmo tempo, combater a angústia que consome e enfraquece a sua identidade, a ponto de sentir-se morto.

O diário torna-se, assim, uma forma de vencer as etapas que constituem o caminho para sua libertação: “[...] o diário é um lugar de reflexão para mim que, depois das confusões e das amizades forçadas da cadeia, me permite compreender melhor os fios que tecem a minha vida em liberdade” (SANTIAGO, 1994, p. 134). Contudo, contrariando o “ensimesmamento” típico na autoria de um diário, ele deseja que seu escrito seja também uma ferramenta de diálogo, compartilhamento de experiência e denúncia: “[...] se comecei este diário para dar-me forças, forças que me faltavam ao sair da cadeia, essa intenção foi gradativamente se modificando. Tanto quanto posso, trago o leitor para dentro do diário para que participe dos acontecimentos meus” (SANTIAGO, 1994, p. 134).

Como ainda não se sente à vontade para compartilhar suas vivências com alguém, o diário é o que suporta seus desabafos. Um dos principais desconfortos ali confessados é o fato de estar morando de favor na casa de José Lins do Rego e não ter nenhuma renda para se manter: “Preocupa-me o excesso de generosidade [...]. A minha situação material não me deixa tranquilo ou forte para o basta, e isso me incomoda” (SANTIAGO, 1994, p. 42).

Não é apenas sobre si que esse Graciliano escreve, mas também sobre as relações humanas e a situação de muitos brasileiros, que se sentem enfraquecidos por dependerem continuamente da generosidade alheia. Por esse tipo de comentário, sentimos o desconforto do protagonista com suas relações pessoais, também por imaginar do outro uma avaliação piedosa e não efetivamente interessada. Nesse ínterim, Graciliano afirma não gostar do assédio das pessoas, pois não percebe, em suas expressões ou falas, real interesse por seu estado. Para ele, estão apenas curiosas por saber o que exatamente lhe aconteceu na cadeia, tanto que muitos querem sanar suas dúvidas por meio da comunicação distanciada do telefone. Ao mesmo tempo, reconhece o direito das pessoas de procurarem-no: “Não quero desapontá-los. Não quero endeusar-me. Vejo que têm o direito de falar o que falam e até mesmo de exigir de mim, comportamento, palavras e críticas, compatíveis com o sofrimento por que passei injustamente” (SANTIAGO, 1994, p. 56). Nessa passagem, Graciliano confirma a injustiça presente em sua prisão.

No início do romance, encontramos Ramos preocupado com seu estado de fragilidade e de dependência dos outros, com a busca de um modo de se libertar do que passou e conseguir forças para recomeçar. Fundamental nessa busca é o confronto de sua visão com a de Heloísa:

Tão logo entramos no quarto, fui interpelado por ela a respeito do meu comportamento. Com palavras duras e até então inéditas para mim, criticou a minha postura durante o jantar, semelhante a de um pedinte que estivesse recebendo esmola e que por isso, se esmerava nas palavras de gratidão eterna [...]. Ligou a atitude recente à infantilidade da manhã quando queria tomar bonde. Pareço um menino birrento que não se dá conta das circunstâncias especiais, da situação geral. Acabo agindo cegamente, segundo próprios e equivocados desígnios. Não fazia sentido – continuava – essa minha preocupação absurda com o dinheiro e o cotidiano das minhas primeiras horas em liberdade. (SANTIAGO, 1994, p. 46-47).

Heloísa chama atenção de Ramos e cobra uma postura mais firme, como alguém que venceu uma adversidade e não como um coitado digno de pena. Graciliano valoriza a perspectiva

da esposa, mas a preocupação com o próprio estado físico, psicológico e financeiro ainda é mais forte. Mesmo sabendo que seja um estado transitório, ele não consegue se libertar de tais pensamentos e inquietações, tornando-se uma pessoa fechada que busca somente em si e no diário forças para se recompor. Como explica Miranda, “[...] a concentração do diarista no aqui e agora do período subsequente à libertação do cárcere têm como consequência o isolamento do eu nas páginas-prisão do diário, as quais prolongam a experiência de enclausuramento recém-vivida” (MIRANDA, 2009, p. 129). Heloísa combate essa postura:

– Isso é passado. O passado não vai voltar. Você não pode deixar que ele volte. É bom que você não queira mais viver em Maceió. O que não posso admitir é que você não tenha percebido que você é outro agora. Não sou eu quem o diz, são todos aqui no Rio. Todos dizem que você deu um pulo com o romance da José Olympio. Hoje você é um romancista conhecido. Não é mais o escritorzinho de província. (SANTIAGO, 1994, p. 48).

Na opinião dela, o marido deveria superar o sofrimento, esquecer o passado e agir como um novo homem, digno do reconhecimento que alguns lhe dedicavam. Ele, por sua vez, oscila entre a imagem de um derrotado, perseguido político e desempregado, e aquela desenhada pelos amigos, de um grande escritor e sobrevivente da injustiça de um governo ditador. No entanto, nessa primeira fase, predomina a ideia de que seu corpo ainda não está recuperado das mazelas enfrentadas na prisão, e essa dificuldade de adaptação, que vai desde a alimentação até a convivência com as demais pessoas, deixa-lhe ainda mais agoniado com seu estado: “Abateu-me violento pessimismo. Não voltaria a ser o mesmo” (SANTIAGO, 1994, p. 52). Ainda assim, sabe que deve superar qualquer adversidade: “Não posso deixar que o meu corpo doente me suplante” (SANTIAGO, 1994, p. 53), e voltar a ser alguém ativo e participativo na política do país.

Apesar de sentir-se frágil, Ramos procura não expor isso para os demais. Desconfiado, mantém seus reais pensamentos reservados a si e a seu diário, vendo todos como adversários, como agentes mantenedores do seu cárcere. Responde às perguntas automaticamente, como se tivesse o intuito de se livrar o mais rápido possível da convivência com o outro, mas não fica indiferente à sua própria atitude, tanto que, quando se distancia dos acontecimentos diários para escrever, condena a própria frieza e automatismo.

Assim, sua crise de identidade parece agravada pelo convívio com os outros. Diante da curiosidade alheia, sente-se preso ao cárcere da memória. Para ele, os visitantes tratavam-no como um pássaro na gaiola, queriam que “cantasse” suas histórias da prisão, dissesse seus lamentos; enfim, desejavam que soltasse sua voz e denunciasses as barbáries do governo: “Não diziam; sentia que, por dentro, deviam achar-me um felizardo por sofrer” (SANTIAGO, 1994, p. 59). A sensação é de que estava exposto como um animal: “Arre! Cansei de ser fera de jardim zoológico. Quero que abram as jaulas, deixem-me respirar ar livre e ver novas paisagens. Quero de novo encontrar as pessoas ao sabor do acaso. Chega de ficar em casa à mercê da visita alheia” (SANTIAGO, 1994, p. 64).

Ramos sente-se profundamente incomodado com o sentimento de comiseração das pessoas. Todavia, em vez de enfrentar e questionar tal sentimento, ele se isola na escrita do diário: “Assim como ando fugindo de todo e qualquer estigma que seja marca da adversidade,

fujo também de uma imagem de mim mesmo que seja propiciada pela sombra da cadeia” (SANTIAGO, 1994, p. 63). Observamos, então, mais uma característica dessa personagem: o reconhecimento de que não pertence ao centro e não se incomodando com isso, pois se assume como um excêntrico. Não quer, no entanto, ser tratado como diferente, digno de piedade pelas adversidades enfrentadas: “Ser diferente, nas minhas circunstâncias atuais, é outra coisa. É aceitar, acatar, como verdadeira e justa, uma condição de inferioridade” (SANTIAGO, 1994, p. 62). O seu autoaprisionamento é tão grande que não consegue romper o casulo interior. Diante disso, Heloísa entende que ele estava perdendo a coragem: “Não era mais o Gráci decidido e altaneiro, orgulhoso, que ela conhecia. Um homem comido pelo medo é que saía da prisão” (SANTIAGO, 1994, p. 114).

O convívio com o mundo após sua prisão fez Graciliano rever algumas das suas atitudes, a sua relação com os mais diversos tipos de pessoas, das mais diversas classes, o que pode auxiliá-lo na sua reflexão acerca de si. Isso nos ajudou na compreensão da refiguração desse escritor. Um homem que, por mais fechado que fosse, sempre esteve entre os seus e defendendo-os, e que agora, movido pelo medo, sente vergonha de si, de quem se tornou. Dentre os poucos diálogos que teve com aqueles que estavam mais próximos de si, talvez o mais significativo tenha sido a longa conversa com Naná, esposa de José Lins do Rego, sobre si e sobre a sua esposa Heloísa. Graciliano apresenta o que seriam as falas de ambos e as analisa. A partir disso, reflete sobre sua relação conjugal, constatando o quanto esta estava enfraquecida. Formavam um casal ferido que, em vez de se unir para enfrentar as fragilidades, preferia se isolar um do outro. Contudo, Graciliano não vê a solidão de todo mal: “Para se libertar, é preciso jogar fora as muletas. Libertar-se para mim é poder caminhar sozinho. Sozinho é que me revolto contra a injustiça humana. Não tem por que meter um amigo numa revolta que, no fundo, é só minha” (SANTIAGO, 1994, p. 111). Assim, Graciliano parece incomodar-se com o amparo de Heloísa:

De maneira simplificada, digo que Heloísa gostou do papel que desempenhou da sua chegada até a minha saída da Detenção. Em virtude do excelente desempenho e das palmas que recebeu, não queria abandonar a peça no meio. Agradou-lhe – mais do que eu poderia supor – ter um marido necessitado e inútil. Agradou-lhe poder ajudá-lo com todas as suas forças, abandonando a casa e os filhos, entregando-se de corpo e alma ao trabalho de libertá-lo. Conseguiu. Teve agradecimentos eternos do marido. Retribuiu-os com compreensão e amor. Inconscientemente, começou a criar uma prisão moral para ele. Quando o marido sai da cadeia, deixando de ser um necessitado e querendo ser cidadão útil, ela começa a refreá-lo nos seus anseios, pois prefere a antiga roupagem de preso político. (SANTIAGO, 1994, p. 116).

Graciliano, nessa parte, distancia-se de si, utilizando a terceira pessoa, para aproximar-se da perspectiva de Heloísa e assim julgá-la do interior. Ao mesmo tempo, ele indica o que sente e pensa de Heloísa. Ao observar o comportamento de sua esposa e o seu próprio, Graciliano percebe como acabaram invertendo os papéis em relação à participação efetiva no mundo da política: “Heloísa tem, hoje, mais compromissos políticos do que eu. Não deixa de ser paradoxal. Um intrigante paradoxo para quem nos conheceu há apenas onze meses, em Maceió” (SANTIAGO, 1994, p. 112-113). A análise de sua relação conjugal e do comportamento da esposa acaba sinalizando a sua própria transformação pessoal, que foi seriamente marcada

pelo impacto da prisão. Heloísa continuava a tratar com um Graciliano que já não existia. Com isso, fica sugerida também a distância existente entre esse Graciliano/Gracilviano e aquele que conhecemos por meio das biografias ou autobiografias. Silviano explora a imagem de um Graciliano extremamente frágil e ensimesmado, que busca, nos seus recônditos íntimos e na escrita autobiográfica, uma forma de entendimento de si e de recuperação. Segundo Miranda (2009, p. 97), essa obra “[...] busca dar voz, na medida em que focaliza o personagem Graciliano Ramos no duplo sentido de personagem do texto em processo e personagem construído pelo sistema literário, na intimidade e solidão das páginas do diário”.

Em uma viagem a São Paulo, para examinar algumas propostas de emprego, ele constatou:

[...] vejo com quantas facetas sou composto, com quantos paus podres se faz esta canoa. O conjunto não me desagrada tanto, mas cada aspecto em particular em si me deprime. Sou:

um jornalista que não trabalha em redação de jornal;

um romancista que não sai da primeira edição;

um político abortado na cadeia;

um pai de família solteiro, morando em pensão;

um trabalhador sem emprego.

Não continuo a lista para não me deprimir mais. (SANTIAGO, 1994, p. 214).

As várias faces, no entanto, acabam por acentuar uma visão autodepreciativa, de alguém que se sente desencontrado e inútil. Essa autoanálise recai, portanto, sobre sua situação social em um contexto político repressor. Aliás, mesmo centrado no espaço da escrita do eu, Graciliano mantém uma postura crítica e avaliativa dos problemas sociais e políticos que assolam o país. Quando analisa a festa do Carnaval, por exemplo, condena o esquecimento ou fingimento do povo, que mascara a gravidade dos problemas sociais e do governo repressor de Vargas, transformando tudo em brincadeira festiva, e, conseqüentemente, vende a imagem de país alegre e ordeiro.

Sua visão sobre o cenário nacional revela um certo ceticismo, pois não percebe no povo o engajamento e o senso crítico necessários para mudanças significativas. Avaliação semelhante recai sobre a imprensa: “Gosto e procuro divergências de opinião; sinto-me de maneira geral frustrado, porque nem isso os jornais e revistas passam” (SANTIAGO, 1994, p. 78). Apesar dessa inclinação, Graciliano luta por romper com o sentimento derrotista: “Saí da cadeia doente e pessimista. Lutei contra a doença, alimentando-me com regularidade e dormindo bem, sem, no entanto, cortar o fumo e o álcool. Salvei-me da sedução fácil do pessimismo” (SANTIAGO, 1994, p. 154). É nos seus textos que Graciliano diz depositar seu pessimismo, como uma forma de libertar-se dele. Libertar-se do pessimismo, porém não quer dizer eximir-se de uma postura crítica, realista e atuante, assim como alega diante das acusações de descrédito em Vargas. Com isso, podemos perceber que o “Gracilviano” mantém-se crítico e desejoso de um Brasil mais justo, assim como o Graciliano original, mas traz traumas pessoais de difícil superação e conciliação com esse desejo.

O protagonista ainda não recuperou todas as suas forças físicas e psicológicas, também não acredita que seja possível viver em paz e livre (como os foliões do Carnaval) em um lugar que está em total abandono. Talvez por isso, de certo modo, refugia-se nas letras, ou melhor,

no seu diário e na escrita de um conto, como lugares singulares, de encontro entre o real e o ficcional, em que seja possível refigurar-se. Ao aproximar-se de si, mas ao mesmo tempo distanciar-se como objeto de análise, esse narrador acaba identificando-se com o leitor, que aos poucos vai compondo a complexidade dessa personagem e talvez descobrindo um outro Graciliano, para além dos conhecimentos prévios que tinha sobre essa figura histórica. Talvez ecoe nesse Graciliano a própria perspectiva do crítico literário Silviano Santiago, quando a personagem repensa as formas de fazer literatura, sua dimensão utilitária, o papel do intelectual, a tarefa de fazer literatura crítica à realidade histórico-social. Mesmo que às vezes se perca em reflexões e explicações demasiadamente longas, consegue, nas entrelinhas, levar o leitor a repensar diversas verdades absolutas e até mesmo as obras que já escreveu e, por assim dizer, a própria literatura, estreitando os limites entre realidade e ficção. Como quando fala a respeito da sua experiência ao encontrar uma moça na praia e ficar excitado:

Esforço-me para não fazer ficção a partir dos acontecimentos que narro neste diário. Normalmente, teria emprestado à moça um estoque de pensamentos ocultos, de intenções não reveladas, de sensações experimentadas no seu íntimo. É a maneira que encontro para criar a intriga e os personagens nos meus romances a partir de experiências concretas e vividas. (SANTIAGO, 1994, p. 98).

Nessa passagem, o leitor encontra testemunhos metalinguísticos que explicam a forma de fazer ficção e de narrar diferentes tipos de textos. No trecho a seguir, do mesmo modo, a gota de suor é indício do quão laborioso pode ser o ato da escrita, esforço árduo de um indivíduo que, no entanto, termina apagado na materialidade do texto final: “[...] até que pingou uma gota na página escrita. Fiquei pensando nela e na curta e passageira existência. Ao contrário do arabesco no papel feito pela tinta da caneta, a gota de suor vai desaparecer tão logo passe a limpo este manuscrito” (SANTIAGO, 1994, p. 101).

Graciliano não concorda com a maneira de fazer literatura predominante no Brasil de sua época. Para ele, escrever exige estudo e trabalho intensos e contínuos, em busca da perfeição almejada. Ao mesmo tempo, o trabalho deve ser prazeroso e não algo automatizado, ou fruto da pressão de prazos e valores. Por isso, não concorda com o jeito “máquina de produzir textos”, principalmente de José Lins, a quem mais observa.

À medida que o narrador escreve seu diário, expõe a visão que os demais demonstram de si e da sua escrita, ao mesmo tempo que dá a sua própria interpretação às palavras que ouve e transcreve: “Frase comum que ouço: Graciliano tem imaginação e força para criar personagens, mas o livro é decepcionante. Frase que traduzo: Graciliano consegue criar personagens com quem simpatizo, pois apresentam características semelhantes às minhas” (SANTIAGO, 1994, p. 123). Assim, trata do posicionamento e do interesse do leitor diante da literatura, questionando a preferência por romances românticos e enredos tradicionais, em vez de temáticas socialmente mais densas. Graciliano problematiza sua relação com o leitor, abordando a dificuldade de romper as trevas do cárcere para representar a experiência traumática:

Vejo-me na escuridão, procuro desesperadamente o comutador, quero enxergar o que me rodeia, ser dono dos meus atos e não uma força cega que se desloca ou é deslocada, encontro o botão, consigo empurrá-lo para baixo. Glória: a luz! Chega

o leitor por detrás de mim e desliga o comutador. “Continue nas trevas, é aí o seu lugar”. (SANTIAGO, 1994, p. 135-136, grifos do autor).

Como dito anteriormente, Graciliano reflete sobre o que escreve e o motivo pelo qual deposita seus pensamentos e opiniões, até então, apenas no diário, não os expondo para os demais:

Por que escrevo e por que não falo? Por que permaneço de voz calada, embora tenha tantas coisas a dizer? O papel, benevolente e submisso, escuta, escondendo dos olhos o que o coração não pode ver. Seriam os ouvidos alheios benevolentes e submissos? Ou eles, de imediato, comunicam ao coração as palavras que escutam? Os ouvidos não são benevolentes e submissos, por isso calo-me. Por que escrevo e por que não falo? Anoto a resposta que vem primeiro: por tolerância. (SANTIAGO, 1994, p. 129).

Por meio dos seus questionamentos, percebemos que Graciliano prefere o papel para derramar suas apreciações e impressões sobre o mundo à comunicação interpessoal. De algum modo, afirma que os outros não estão preparados para realmente ouvir o que tem a dizer, para tolerar suas verdades e as verdades sobre a nação: “Por tolerância, fecho a boca. Por respeito, escrevo” (SANTIAGO, 1994, p. 130). Não falará, mas não se calará, não fingirá que nada aconteceu e acontece, optando pela escrita como forma de testemunho. E complementa: “[...] escrevo sobre o que me agrada escrever, ou sobre o que acho importante narrar? As duas coisas ao mesmo tempo” (SANTIAGO, 1994, p. 133). Tais questionamentos nos levam a pensar sobre o modo como a escrita de qualquer texto pode ser conduzida conforme os interesses ou o que é considerado importante pelo escritor, por isso aqueles escritos tidos como imparciais não são de todo neutros. Além disso, Ramos indica que ainda não tem o distanciamento necessário para avaliar a relevância de seus assuntos.

Ao afirmar: “A sequência de cenas é dada pelos caminhos e descaminhos de uma vida Sigo os passos do personagem, não sigo o enredo do romancista. Pela primeira vez” (SANTIAGO, 1994, p. 134). Graciliano salienta, no diário, o apego à instantaneidade da vida e, de certo modo, a falta nele do “filtro” estético que impera na ficção romanesca. Como bem salienta Miranda (2009), é questionada a

[...] própria noção de *eu*, cuja desconstrução aparece dramatizada no decorrer de *Em Liberdade* simultaneamente com a desconstrução das formas narrativas que intentam restaurá-la ou reiterá-la. Para tanto, o texto superpõe três instâncias diversas de enunciação: a do livro propriamente dito e, conforme o sumário deste, a da “ficção de Silviano Santiago” e a do “diário de Graciliano Ramos”. (MIRANDA, 2009, p. 112, grifos do autor).

Entremeio a isso, há o testemunho acerca da História e dos mecanismos de repressão político-sociais do Brasil, que mantinham o “[...] escritor preso aos cárceres do *eu*, dificultando-lhe o encontro solitário com o outro e negando-lhe o desempenho efetivo do papel de agente de transformações culturais e políticas” (MIRANDA, 2009, p. 18, grifo do autor). Os mecanismos de dominação podiam dificultar que as ações de Graciliano fossem efetivadas, mas não o impediam de tecer suas críticas e denúncias por meio da palavra. Para esse Graciliano que pensa o que aconteceu consigo e observa o mundo ao seu redor, a liberdade e os prazeres da

vida só são alcançados na plena liberdade, daí a condenação de qualquer tipo de submissão e a defesa do necessário engajamento e senso crítico do povo. Por inúmeras páginas do seu diário, o protagonista deixa-se empolgar pelas discussões políticas, ainda que às vezes condene o próprio tom: “[...] não me sinto confortável diante do proselitismo simplório e monolítico que vejo os comunistas fazerem. Bons exemplos os tive na cadeia. [...] Deixei-me empolgar pela política quando abri esta manhã este novo bloco. Coisas de ex-prefeito, dirão” (SANTIAGO, 1994, p. 170).

Percebemos que pulsa, em Graciliano, o anseio por discutir política, por expor seus pensamentos acerca do que estava acontecendo no Brasil da década de 1930. A certa altura de sua escrita, especialmente depois de deixar a casa de José Lins do Rego, sente-se mais forte, menos aprisionado. No quarto de pensão, longe de Heloísa (que viajara para Maceió para vender a casa que lá tinham) e de visitas incômodas, parece estar mais distanciado das memórias do cárcere e, por isso, mais à vontade com o ambiente e consigo, ainda que longe do que fora e do que almejada ser.

A vida no quarto de pensão é monótona, Graciliano não tem muitas atividades para fazer, e isso lhe incomoda: “Tenho que fazer alguma coisa da minha vida. Não posso continuar neste marasmo. Fico de papo pro ar, esperando. Esperando o quê? É preciso que vá à guerra” (SANTIAGO, 1994, p. 183). Há uma certa mudança de perspectiva sobre si mesmo e encontramos um Graciliano mais disposto a retomar sua vida, encontrar um trabalho e se livrar daquele estigma de pessoa debilitada e recém liberta da prisão. Ele sabe, contudo, que terá dificuldades de conseguir emprego, principalmente devido a seus pensamentos em relação ao cenário político do país: “Como tenho sido, em várias conversas, muito crítico do governo Vargas, receio que isso esteja retardando essas e outras ofertas de trabalho. Não posso cair na ilusão de não saber quem eu sou: um ex-presos político” (SANTIAGO, 1994, p. 183).

O próprio narrador revela que seu lado mais politizado, que fala sem medos, está mais presente nos últimos dias, pois tem exposto suas críticas para além do papel, tem conseguido transpor a barreira que havia criado entre si e os outros e falado sobre o governo, aproximando-se assim daquele Ramos que foi um dia. Todavia, fica apreensivo sobre isso, pois se lembra, a todo tempo, de que não é mais o mesmo, de que guarda o rótulo de ex-presos político, o que dificulta seu reingresso no mundo, sua adaptação e sua total libertação das lembranças da cadeia. Talvez por isso Graciliano tome a iniciativa de fazer um novo projeto literário:

[...] preciso não descuidar-me; quero um projeto literário mais substantivo do que este diário. Quero retomar a experiência da cadeia, porém sem fazer obra de realismo estreito, sem fazer narrativa de tipo jornalístico [...]. Quero qualquer coisa em torno da oposição entre política e o cárcere, qualquer coisa sobre o destino trágico do intelectual no Brasil, sobre o desejo de morte e o desejo de vida, sobre o compromisso com os seus e a liberdade. (SANTIAGO, 1994, p. 183).

O gérmen da obra idealizada por Graciliano começa a se desenvolver quando ele passa mal, não sabe se por causa da cachaça ou da comida muito salgada da pensão. Sente o corpo desconfortável, deita-se e, em uma espécie de sonho ou delírio, acessa lembranças da prisão. Parece estar sozinho, perdido, sem saída e em um lugar desconhecido, sujo. As sensações desse mal estar o acompanham por um tempo, latejando em sua cabeça, refletindo em seu corpo:

Tenho o esqueleto tenso, tenho os músculos tensos. Gostaria de aprender a soltá-los, como que para deixar que o meu corpo exista sem os constantes enredos, mandos da cabeça. Queria um corpo solto no ar [...].
Queria ter a cabeça alerta e os músculos soltos. Tenho certeza que brotaria em mim um novo tipo de inteligência. (SANTIAGO, 1994, p. 188).

Em seu corpo está escrito tudo o que viveu no cárcere, as marcas são profundas. Assim, por mais que tente esquecer, as lembranças voltam para atormentá-lo, impedindo que sua mente esteja totalmente livre. Ainda assim, não quer retornar à mesma e única narrativa:

Falta-me a tranquilidade, falta-me a disponibilidade. Tudo o que rodeia exige tanto a minha atenção que sinto despropositado dedicar-me tanto tempo à compreensão de uma única cabeça, de uma única estória. Quero envolver-me com todos, para de novo aprender como são as pessoas e as coisas. Era muito exigente nas minhas escolhas; e, feitas estas, agia como se todo o resto não existisse. Hoje, faço poucas escolhas. Quero enxergar tudo. (SANTIAGO, 1994, p. 186).

Tal passagem confirma o *engajamento* de Ramos. Já não se sente à vontade em compreender “uma única cabeça”, quer observar tudo e todos, Graciliano vê que precisa observar tudo, refletir sobre tudo, ele “[...] era compelido por força invencível a registrar os frutos da observação segundo os princípios da verdade” (CANDIDO, 1999, p. 58). Destarte ele pode entender como está a sociedade, porque a pobreza de espírito prevalece e a inteligência e verdade são ignoradas. Graciliano sente a necessidade de contribuir para a construção de uma postura social mais participativa e menos contemplativa.

Para conseguir a paz e a liberdade que tanto deseja, o narrador sabe que deve arriscar-se nos limites do perigo, lançar-se a seus objetivos de maneira articulada e matreira, sem ser direta. Para atacar seus “inimigos” de surpresa, precisa ser inteligente, fingir fragilidade em seus movimentos e ser feroz quando ataca: “Não busco a paz que se confunde, nas cabeças medíocres, com a preguiça. É a paz do trapezista que busco: misto de tigre e de gato. Carnívoro, quando em gala de apresentação; lânguido, quando transita com as ideias e corpo pelo mundo” (SANTIAGO, 1994, p. 189).

Para ele, escrever é deixar sua marca, um pouco de si nas linhas que redige, é projetar suas ideias e perspectivas sem saber como serão interpretadas e aceitas. Por isso, o perigo e o medo de lançar-se no abismo, ainda mais tendo consciência da singularidade de sua condição: “Tenho pavor da minha situação, porque sei que a chegada à beira do precipício é questão de mais ou menos horas. De repente, perco a medida das minhas próprias forças, forças estas que tento recolher, ajuntar e animar desde que saí da cadeia” (SANTIAGO, 1994, p. 194).

Ao mesmo tempo, ele não consegue resistir à pressão da falta de recursos financeiros e da necessidade de sobrevivência: “Tenho trabalho. Acerco-me da beira do precipício. Meço a queda. Aceito as encomendas. Atiro-me e experimento o perigo do vácuo, como um trapezista. Não posso poupar-me” (SANTIAGO, 1994, p. 201). Falar de acordo com o que agrada e vende, no entanto, não é ato que lhe agrada, melhor seria o silêncio:

O desejo de ter uma voz, na presente situação, passa a ser negativo, por mais paradoxal que isso possa parecer a qualquer outro habitante do planeta Terra. A

voz teria que, ser eco da voz do presidente da República [...]. É preferível, então, calar-se. Encontro os meus companheiros de luta no silêncio. Em silêncio, trabalhamos; com o silêncio, ganhamos o nosso sustento; pelo silêncio, exprimimo-nos. (SANTIAGO, 1994, p. 194).

Ao pensar nisso e devido ao silenciamento, Graciliano percebe-se dividido em várias faces: a do que foi antes da prisão; a de ex-presidiário; a de alguém excêntrico; a de alguém que deseja mudanças no cenário político, mas tem medo de sofrer alguma represália; a do escritor que precisa escrever para garantir algum sustento; e a do escritor que quer escrever para denunciar a ditadura. Suas conjecturas, reflexões e posicionamentos em relação a si e à literatura, bem como à situação política, econômica e social do país e o desejo de colocar em prática um novo plano literário, tomam conta de sua mente, vindo a recair no sonho com o também escritor Cláudio Manoel da Costa (inconfidente mineiro que lutava contra a exploração feita pelos portugueses em Minas Gerais): “[...] tem como personagem principal o poeta e rebelde Cláudio Manoel da Costa. Pelo menos, era isso o que o sonho dava a entender: na verdade o personagem era eu próprio, sendo (ou interpretando) Cláudio” (SANTIAGO, 1994, p. 215).

Graciliano não consegue esquecer esse sonho, sente que tem um sentido ter sonhado justamente a um escritor que também foi punido pelo governo da época por tentar defender o povo dos desmandos políticos, pensar diferente dos poderosos e por expor esses pensamentos. Ramos sai, então, à procura de documentos que abordem a história deste intelectual brasileiro. Para ele, Cláudio não cometeu suicídio como afirma a história oficial, foi, isso sim, mais uma vítima da tirania dos donos do poder. Graciliano identifica-se com a história do poeta mineiro. Então, decide escrever um conto que aborde tal figura e exponha a sua versão dos fatos, mesclando a história de Cláudio com a dele.

No conto, temos Silviano tratando do intelectual brasileiro, da literatura e do cenário político de 1960 por meio da refiguração de Graciliano Ramos, e Graciliano falando de si, do intelectual e do cenário de 1930, bem como da Inconfidência Mineira por intermédio do personagem Cláudio Manoel da Costa. São vozes coletivizadas no processo de enunciação que, pela alteridade e pela alternância, desconstroem e reconstroem Graciliano Ramos, solicitando a participação do leitor para compreender esse personagem e participar de sua sobrevida. De acordo com Miranda (2009),

[o] papel do leitor aparecerá então dramatizado no texto, através do funcionamento das vozes componentes do tecido narrativo tanto como instâncias de enunciação, quanto como instâncias de recepção, conforme demonstra o desdobramento do diarista Graciliano em leitor do próprio diário e da obra de Cláudio, do “editor” Silviano em leitor do diário de Graciliano e, em nível mais geral, do “autor” Silviano em leitor de Graciliano. (MIRANDA, 2009, p. 141, grifos do autor).

Durante o sonho, Graciliano confunde-se com Cláudio; suas imagens mesclam-se, como se fossem um só. Inicialmente, ele aparece usando um macacão antigo e, de repente, um moderno, enquanto escrevia um bilhete que denunciava o que aconteceria consigo. Durante a narração desse acontecimento, a escrita também oscila entre a primeira e a terceira pessoas verbais, reforçando a ideia de entrecruzamento de vozes e de consequente diálogo crítico entre a história antiga e a história recente:

Tentava tirar o cinto do macacão, mas o macacão não tinha cinto. Estava de novo vestido como Cláudio. A cinta verde na cintura incomodava-me. Tirava a cinta e começava a fazer os passes de mágica com ela, com a finalidade de encantar e enganar a mais perspicaz das minhas espectadoras, a Morte. (SANTIAGO, 1994, p. 216).

Após o sonho, Graciliano fica muito perturbado, fuma sem parar e diz que a atmosfera é monótona e sombria. Cresce seu sentimento de apreensão e ansiedade, e ele sente que precisa colocar isso para fora de alguma maneira, libertar-se. Graciliano sente-se obcecado com esse assunto, quer escrever sobre isso, chega a questionar-se em relação ao modo como enfrentará tal sonho e conclui que:

Só na luta corpo a corpo conseguimos extrair alguma coisa proveitosa dela. Escapar da obsessão pelo arrolamento de miudezas do cotidiano é fazer o seu jogo: mais cedo ou mais tarde, quem deseja evitá-la dá-se conta da mediocridade que o assalta. Começarei por tocá-la como se fosse uma massa de argila que o acaso colocou em cima da minha mesinha de trabalho. (SANTIAGO, 1994, p. 219).

Assim começa a feitura do seu projeto literário. Um conto que tem como personagem principal Cláudio Manoel da Costa, a outra versão da história do poeta setecentista e da sua morte, a outra versão da sua morte. Por meio da história do poeta mineiro, Ramos conta a sua própria, é como se transmigrasse de corpo, “[t]ransmigrar é repartir corpo e voz com o *outro*. [...] transmigrar é assumir, temporariamente, um outro corpo, um outro rosto, uma outra voz, uma outra escrita” (CUNHA, 2008, p. 154). Graciliano fez dessa obra um instrumento para denunciar o modo como o Brasil vinha sendo administrado e como sempre houve o predomínio do autoritarismo político e econômico em detrimento do desenvolvimento social e cultural.

Ao acompanharmos a história de Graciliano Ramos, também acompanhamos a sua trajetória e luta pela liberdade, bem como a tentativa de entender a sua própria identidade. A sua evolução, partindo de homem enfraquecido para alguém capaz de buscar sua reabilitação e adaptação, vem com a coragem de enfrentar as adversidades que lhe foram impostas, de refletir acerca de si e de tudo o que acontecia ao seu redor. Ramos entrega-se às vivências diárias, ao turbilhão de sentimentos e informações, sensações; diante disso, encontra na escrita uma maneira de sair do total aprisionamento, ao mesmo tempo que denuncia a situação política e social do Brasil. O enfrentamento, a superação e o rompimento total com os grilhões que o mantinham tão apagado se deu a cada linha de seu diário, tendo o ápice na redação do conto sobre Cláudio Manoel da Costa, quando consegue sair do abismo em que foi jogado, alcançar a superfície e recuperar suas forças e coragem.

A literatura seria para ele uma forma de protesto, de expor sua reação contra o mundo e suas normas; mas poderia ser também “[...] uma fuga da situação por meio da criação mental” (CANDIDO, 1999, p. 64) e uma maneira de inserir-se e definir-se no mundo. O escritor dá o seu testemunho por meio da ficção, ele vê o mundo com os seus problemas e mescla-os aos seus problemas pessoais, sente a necessidade de superar isso por meio de seus personagens, como na reinvenção de Cláudio Manoel da Costa. Dessa forma, Graciliano migra “[...] dos mundos possíveis ficcionais para o mundo real, ele ganha, em relação à figuração original, uma vida própria, que a fenomenologia da leitura contempla, no quadro da vida e da obra literária” (REIS, 2014, p. 57). Silviano Santiago, por sua vez, ao ficcionalizar Graciliano Ramos, acaba

ficcionalizando-se, ao mesmo tempo que doa a seu personagem parte do que lhe constitui. É desse emaranhado de vozes, contextos e perspectivas, e do modo como se entrecruzam na elaboração do personagem, que compreendemos a formação de Graciliano e a sua sobrevida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução Aurora Bernardini *et al.* 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

CANDIDO, A. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. 1. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

CUNHA, E. L. (org.). **Leituras críticas sobre Silviano Santiago**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Tradução de Fernando Cabral Martins. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.

MIRANDA, W. M. **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

REIS, C. Pessoas de livro: figuração e sobrevida da personagem. *In*: REIS, C.; HENRIQUES, M. das N. (org.). **Revista de Estudos Literários**: Personagem e Figuração. Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, n. 4, 2014. p. 43-68.

SANTIAGO, S. **Em liberdade**: uma ficção de Silviano Santiago. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.